



**Gladys Batista Picaglie
Antonella Carvalho de Oliveira
(Organizadoras)**

Conhecimento e Saberes da Psicopedagogia Clínica e Institucional

Atena
Editora

Ano 2019

Gladys Batista Picaglie
Antonella Carvalho de Oliveira
(Organizadoras)

Conhecimentos e Saberes da Psicopedagogia Clínica e Institucional

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C749 Conhecimentos e saberes da psicopedagogia clínica e institucional [recurso eletrônico] / Organizadora Gladys Batista Picaglie, Antonella Carvalho de Oliveira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-103-9

DOI 10.22533/at.ed.039190402

1. Psicologia da aprendizagem – Estudo e ensino. 2. Psicologia educacional. 3. Psicopedagogia. I. Picaglie, Gladys Batista. II. Oliveira, Antonella Carvalho.

CDD 370.1523

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

A ARTE DE VER: VAMOS FOTOGRAFAR?

Elaine Simões Romual Rebeca

Centro de Investigação em Estudos da Criança
Instituto de Educação - Universidade do Minho
(Portugal)
Braga – Portugal

Maria de Lurdes Dias de Carvalho

Centro de Investigação em Estudos da Criança
Instituto de Educação - Universidade do Minho
(Portugal)
Braga - Portugal

RESUMO: Cada pessoa tem a sua forma de olhar e ver as coisas que a cerca. O treino na arte de olhar amplia nossa percepção. O objetivo deste trabalho foi relacionar experiências estéticas de estudantes focalizadas entre o senso estético e o ato de ver utilizando o registro fotográfico. A pesquisa cinge-se a um estudo exploratório de carácter descritivo e interpretativo. A análise permitiu concluir que numa contemplação direcionada, a relação do sujeito com o objeto passará pela sua percepção comum e poderá levá-lo a uma percepção mais seletiva, a uma percepção estética, tornando possível o refinamento estético e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: olhar, ver, estética, percepção, senso estético.

ABSTRACT: Each person has his way of looking and seeing the things that surround him.

The training in the art of looking enlarges our perception. The objective of this work was to relate aesthetic experiences of students focused between the esthetic sense and the act of seeing using photographic record. The research is limited to an exploratory study of descriptive and interpretative nature. The analysis allowed to conclude that in a directed contemplation, the relation of the subject with the object will pass through its common perception and can take it to a more selective perception, to an aesthetic perception, making possible the aesthetic and cultural refinement.

KEYWORDS: to look, to see, aesthetics, perception, aesthetic sense.

1 | APRENDENDO A OLHAR: VAMOS FOTOGRAFAR?

Fotografia é uma coisa tangível, você captura, você olha para ela. É algo semelhante à memória (SALGADO, 2017)

Refletir sobre o ato de OLHAR e o de VER nos convida a pensar que VER não é tão simples assim. O VER nos leva a um ato além do que a retina reflete, é uma comunicação com o cérebro e todas as sinapses que este momento acarreta.

A sociedade na qual vivemos hoje está tão focada na busca de diferentes objetivos que acaba por ficar cega e alheia à vida (natural e construída). Propostas e resultados, ... trabalho, ... busca e ideal, ... objetivos, ... futuro, ... estas são algumas das palavras que nos rodeia no cotidiano e, inconscientemente, nos move na busca de algo (ou alguém), muitas vezes nem se sabe bem do *quê* nem *por quê*.

Todo este frenesim parece nos levar na onda do *consumismo teórico*. Nesta procura, muitas vezes focamos nossas ações baseadas em teorias (não sei de quem) ou com bases nos estudos (também não sei de quem), a sociedade (acadêmica ou não) acaba moldando o ser humano e, então, transforma a vida em um círculo de ações repetitivas, sem mudar o modo de OLHAR e VER o que nos rodeia.

Não queremos dizer que teorias e estudos não são importantes - são sim! É, antes, a base para uma reflexão de nossas ações. Mas a questão é: o quanto ficamos presos a todas teorias e estudos, que em vez da reflexão destas com a nossa prática e vida cotidiana, engessamos nossas ações, o nosso OLHAR e o nosso VER? Por outras palavras, de que forma teorias, culturas e tradições, tempos e espaços cristalizam nosso pensamento e reflexão, paralisam sensibilidades, rotinizam nossa vida não permitindo VER mais além? Piovesan e Temporini (1995) referem,

As experiências de vida, ao lado do ensino formal, concorrem para a construção de conhecimentos, crenças, atitudes, valores, emoções e motivações, componentes importantes a condicionarem a percepção dos indivíduos acerca de fenômenos biológicos, psíquicos e socioambientais. Assim, a percepção constitui experiência sensorial que adquire significado à luz dessas influências (p. 318).

Esses modos de ser e estar *na* e *para* a sociedade estão hoje tão latentes que propor uma atividade onde o OLHAR e o VER é o foco, parece ser incoerente ou, pelo menos, inapropriado, retrógrado... E, para além disto, com um *método* tão comum: fotografar. Concordamos com Vinícius Aguiar, fotógrafo, que afirmou, “Fotografar é acima da arte de escrever imagens com luz. É eternizar momentos, sorrisos e lágrimas, maneira de expressar o que se vê ou sente” (2017, s/p). Sim, fotografar é eternizar um momento, é mostrar com imagens e luz as nossas emoções. Esse eternizar o momento por meio da lente de uma câmera tem a ver com a arte de VER.

Mas o que tem a ver esta arte com o processo de ensino e aprendizagem?

Esta ‘arte’ pode ser o início para uma atividade inovadora. Ao treinarmos nosso olhar tendemos a não ficar obtusos e focados apenas em resultados. Desta forma, podemos olhar (focar) nossos alunos como centro de nossas atividades. OLHAR, VER os seres humanos frente a frente e não abaixo de nós, já pode fazer uma grande diferença.

No entanto, cada pessoa tem a *sua* forma de OLHAR e VER as coisas que a cerca e trazer essa individualidade para o contexto educacional, para o desenvolvimento curricular e atribuir um significado pessoal a muitas das aprendizagens.

Como já dito, uma das maneiras de comunicar visualmente este olhar é através

da fotografia que pode ser compartilhada pelos diversos canais de interação que há. É uma das formas a que o indivíduo recorre para selecionar, registrar e “gravar” a sua leitura de uma determinada cena, situação ou acontecimento com seu modo de ver, comunicando visualmente a sua (intra) interação com o meio (social, ecológico, cultural, etc.) e com os espaços (naturais e construídos). Por isso,

A fotografia é um recorte de tempo e espaço. Assim usualmente a definimos, mas tempo e espaço são variáveis que têm merecido níveis desiguais de atenção em nossas reflexões. Como todas as artes visuais, a fotografia suscita muitas questões sobre o espaço, porque diz respeito àquilo que é efetivamente visível: a imagem fotográfica é ela própria um espaço, uma superfície que oferece a representação de um outro espaço, aquele que faz parte do que chamamos de realidade. É, em geral, a relação entre esses espaços — a passagem de um ao outro — que nos esforçamos para compreender, pois duvidamos da simples coincidência entre eles (ENTLER, 2007, p. 29-30).

Essa leitura está, por si só, condicionada à sua história pessoal mediada pela realidade e pelo conhecimento de mundo que é portador. Um olhar que pode rejuvenescer sua forma de perceber e apreender o mundo. Mas, então, o que seria esta arte de ver?

2 | AFINAL O QUE É A ARTE DE VER?

A arte de VER e OLHAR envolve treino, mas esse treino amplia a percepção e, por meio desta, a descoberta de um universo sempre “amanhecendo”, um mundo com frescor e livre dos hábitos do cotidiano; exige uma nova forma de pensar e promove um encontro com o outro.

VER! Afinal o que significa ver? Além de ser um dos nossos sentidos, há muito mais ligado a este ato. Parece ser, num primeiro momento, algo mecânico, mas o que cada um vê está, de certa forma, embutido nos significados que foram gerados no transcorrer de sua existência. Cada um vê de acordo com as suas circunstâncias. Tal como Alves afirma,

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física ótica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física (2004)

Mas, então o que significa a *arte de VER*? Sabemos que arte, como atividade humana, está ligada a manifestações de ordem estética, elaborada por artistas a partir de sua percepção, emoções e ideias, e pode ter como objetivo estimular essas instâncias de consciência em um ou mais espectador. Paralelamente, o VER, por ser um verbo de ação, possui vários significados e entre estes destacamos: enxergar; contemplar; presenciar; possuir conhecimento acerca de; começar a perceber determinada coisa;

concluir; prever; analisar minuciosamente; avaliar-se; maneira de pensar: a meu ver. (Dicio, 2017)

E é neste sentido, aliando a arte e a ação VER, que chegamos a um conceito sobre o que é a *arte de VER*, ou seja, é algo que envolve todos os nossos sentidos e está ligado às nossas percepções de compreensão sobre algo, é o olhar, o observar, o contemplar, o analisar, o relacionar as coisas materiais com os conhecimentos e experiências adquiridos e como resultado temos a estesia.

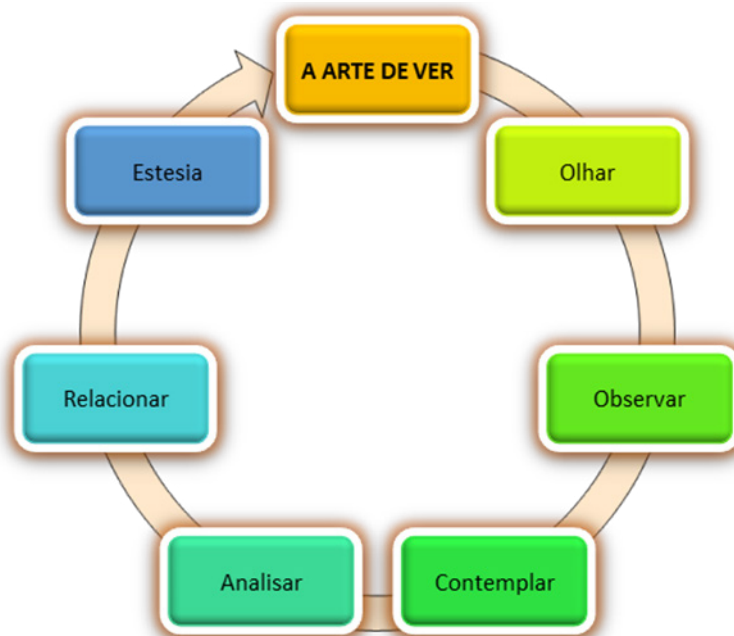


Figura 1 Conceito da Arte de VER. Elaborado pelas autoras

O conceito de experiência de Bondía (2002), além de contribuir com a elaboração deste conceito de *arte de VER*, também nos ajuda a pensar nesta atividade (VER) como um momento importante para colocarmos os nossos sentidos em um modo mais aflorado, onde o ouvir, sentir, pensar, refletir sobre os outros e nós mesmos toma uma posição de percepção e análise. O autor argumenta,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p. 24).

Já Ansel Adams expõe que o ato de fotografar pode trazer uma noção de uma determinada época, das vivências de quem fez a fotografia. Pode ser até mesmo o reflexo da pessoa que registrou o momento, de suas memórias, argumenta “Não

fazemos uma foto apenas com uma câmara; ao ato de fotografar, trazemos todos os livros que lemos, os filmes que que amamos” (2015). O experimentar de novas sensações usando todos os sentidos, como expõe Bondía (2002) e os argumentos sobre o ato de fotografar alegado por Ansel Adams (2015) são o grande enfoque para compreender que a *arte de VER* perpassa o simples OLHAR. A atividade de fotografar deixa de ser vista não só como uma das formas de guardar memórias de um determinado momento, mas também como uma forma de expor nossas emoções e afretamentos daquele momento.

3 | FOTOGRAFAR: ENTRE O OLHAR, O VER E O ESTÉTICO

Mas centremo-nos na *arte de VER*, já que este é um dos objetivos da atividade proposta aos estudantes (atividade que mais à frente é explanada), ou seja, que eles pudessem registrar em foto o que descobriram, o que “repararam” de novo, o que nunca perceberam no seu dia-a-dia, embora estivesse bem à frente de sua retina. Tal como a fotógrafa Alessandra Resende afirma “Fotografia, uma arte que nos envolve pela surpreendente forma de eternizar o que nosso olhar quer viver para sempre” (2018) Ernst Haas argumenta, “A câmara não faz diferença nenhuma. Todas elas gravam o que você está vendo. Mas você precisa VER” (2017), ou seja, a câmara grava o que você está vendo, gerando a fotografia, mas precisamos VER. E como “o ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido” (ALVES, 2004), foi com esta proposta que os estudantes foram desafiados. Pretendia-se o desenvolvimento de novas competências, novas formas de OLHAR e VER o que está ao seu redor. Através do registro por meio de fotos, isto é, através de uma linguagem que tem como elementos luz e sombra, os estudantes gravam imagens estáticas de momentos que não retornam mais e que estão relacionados com as emoções e experiências de cada pessoa naquele dado momento.

A câmara fotográfica, tendo o potencial de captar a realidade, com seus diferentes planos, cores e tonalidades, apresenta também algumas limitações. Uma das grandes limitações que o registro fotográfico apresenta é a ausência de “uma imagem sonora em movimento” que permitiria “auto explicar-se e induzir uma interpretação”, pelo que,

[...] a fotografia isolada, por mais rica em aspectos visuais e simbólicos, dificilmente consegue propor uma explicação ou uma interpretação. [...] tende sempre a ficar no limite da constatação, no caso de uma questão ou característica sócio etnográfica. Vai ser o “olhar” do pesquisador que vai identificar nela a problemática sócio antropológica. Sem isso as fotografias parecem produzir apenas descrições rasas. (GODOLPHIM, 1995, p. 165).

E o autor acrescenta: “Fotografia, [...], pode ser considerada como uma obra aberta, passível de múltiplas interpretações” (1995, p. 170).

3.1 Os intervenientes e o processo

Refletindo sobre conceitos da *arte de ver* de Rubem Alves (2004) e Alberto Caieiro (1993) e de educação estética de Duarte Jr. (2001), assim como um vídeo intitulado: “*As cores das flores*” (2010), foi proposto a um grupo de estudantes (n=25) do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (2016-17) de uma universidade portuguesa o registo fotográfico de 10 situações/observações importantes. A atividade/tarefa transcorreu durante o período de férias escolares de Natal para que o ato de fotografar fosse prazeroso e de troca com seus pares, assim como também comunicasse um pouco do OLHAR e cultura do contexto em que estes sujeitos estão envolvidos.

Para clarificar o leque alargado de temáticas, foi facultada pela docente uma vasta lista de situações/objetos que, não sendo obrigatória, poderia orientar ou facultar ideias ou situações. Após o registo fotográfico, os estudantes deveriam partilhar com a turma, em aula, e fundamentar a lógica implícita no ato de ver e fotografar.

Sublinhamos que para esta tarefa: i) a qualidade da imagem/fotografia não era relevante; ii) as fotografias podiam ser tiradas através do aparelho celular, facilitando a acessibilidade e espontaneidade do ato de fotografar; iii) apenas foi verbalizado aos estudantes que deveriam tirar as fotografias sobre algum aspeto ou situação que lhes chamasse especial atenção.

Esta tarefa tornou-se em um estudo exploratório de carácter descritivo e interpretativo, cujo principal objetivo se centrava em relacionar experiências estéticas destes estudantes focalizadas entre o senso estético e o ato de ver.

O foco da análise das atividades realizadas pelos alunos – fotografias - foi especialmente sob um prisma estético, envolvendo o treino do olhar com uma perspectiva que vá ao encontro de lembranças e emoções suscitadas.

Este texto relata e analisa a atividade intitulada “*Vamos fotografar?*”, apresentando apenas uma das análises possíveis, nomeadamente no que se refere às experiências estéticas proporcionadas por estas vivências, assim como refletir sobre a importância do olhar, do ver, da educação estética, da percepção e do senso estético na formação do ser humano.

3.2 Um possível olhar sobre a tarefa

Globalmente, as imagens selecionadas pelos estudantes foram permeadas de muitas memórias afetivas, ora envolvendo pessoas, ora envolvendo momentos e viagens, mas percebemos que as imagens estavam sempre relacionadas com seus familiares, o seu entorno, a sua casa, a sua cidade, a sua identidade cultural. Contudo, em pouquíssimas fotos, eles se incluíram no ambiente fotografado e não houve nenhuma *self*.

O ato de ver estava realmente focado no registo do que vemos muitas vezes e

não percebemos, ou que nunca havíamos notado. Os dados sugerem um testemunho vivo de *identidade e conhecimento de si* através da valorização de aspetos ou situações pessoais e quotidianas e a *relação com o outro* aponta para interações muito restritas/ circunscritas ou, talvez, não explicitadas. Quanto à *visão de mundo* mais abrangente verifica-se a descoberta de novos elementos e conhecimentos estéticos, históricos, contextuais, humanos, entre outros.

Concordando com as palavras de Neitzel e Carvalho “somos feitos daquilo que lemos, ouvimos e vivemos” (2016, p. 232), no nosso dia-a-dia emergem representações e percepções, representadas nas atividades que realizamos, mostrando parte da nossa identidade cultural. Nesta perspectiva, a análise das imagens e reflexões apresentada pelos estudantes permitiu a organização das categorias - Memória afetiva; Percepção estética; Ver além do olhar Imagens: significados, lembranças e; Educação estética – que passaremos a analisar.

A memória é formada por lembranças positivas ou negativas. Conceituando: é um sistema que recebe, armazena, organiza, modifica e recupera a informação, e no ser humano ela dá e recebe através de experiências e estímulos. No âmbito da Psicologia é comum organizar a memória em três domínios: a *memória sensorial* que se manifesta pelos sentidos, a *memória a curto prazo* depósito temporário de informações com pouco significado e *memória a longo prazo* que é um processo construtivo e que se atualiza a cada nova recordação.

A **memória afetiva** está relacionada com a memória sensorial e a memória a longo prazo, ou seja, pode-se desenvolver a partir dos sentidos, mas só acontece se estiver interconectada a um momento afetivo. Quando se retoma memórias afetivas podemos provocar e guardar emoções e sentimentos tanto em sentido positivo como negativo. E neste sentido a fotografia é uma memória guardada. Entler afirma

Toda fotografia reconstrói seus lugares e personagens com base em códigos estabelecidos por alguma tradição. Ser fotografado é, portanto, ser apreendido por categorias estéticas e epistemológicas. Não obstante podermos lembrar que há ali uma história singular, a interpretação efetiva da imagem não nos conduz a alguém, mas a um papel: um aniversariante, uma noiva, um criminoso; ou uma família, um quadro de funcionários, uma multidão; ou um modelo de comportamento, de sensualidade, de poder, de subversão... A imagem parte de um lugar sempre situado no passado, mas aponta também na direção de uma virtualidade, isto é, constitui uma encenação quase atemporal dentro da qual um vasto universo de atores pode ser inserido (ENTLER, 2007, p. 30-31)

Entre as imagens apresentadas queremos destacar a seguintes imagens.



Figura 2. Banco do jardim de *minha* casa, memórias de família.

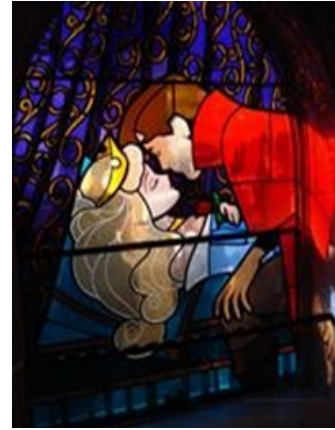


Figura 3. Uma viagem ao mundo infantil

O relato apresentado pela aluna, que apresentou a *Figura 3*, mostra todo o potencial que essa imagem produz em sua pessoa em todos os sentidos. Ela disse,

“Um local que me marcou muito, que me permitiu voltar ao meu mundo infantil que já vivi. Recordei muitas memórias dos meus desenhos animados preferidos e vivi toda a magia e meio envolvente. O contraste de cores e figuras que compõe estes vitrais transforma-me como se eu fosse uma personagem real, em que tudo que me envolve é tratado ao pormenor e nada é esquecido fazendo com que viva este mundo encantado”.

Esta mesma fotografia e relato caracterizam uma outra categoria por nós analisada: **percepção/experiência estética**. Quando falamos de *percepção estética* não tem como não a relacionar com a *experiência estética*. A percepção tem a ver com toda parte sensorial e os processos que esta possa desencadear. De acordo com Reis,

A percepção estética não visa ao objeto segundo a sua finalidade prática ou utilitária, mas implica a abertura e entrega do sujeito a um mundo sensível que o convida não a decifrá-lo, mas a senti-lo (2011, p. 78).

Por sua vez, a *experiência estética* é a relação que o sujeito tem com o objeto, ou seja,

A experiência estética, em que pese as abstrações e raciocínios nela envolvidos e dela decorrentes, acontece primordialmente no corpo, colocando em funcionamento processos biológicos que têm a ver com isto que denominamos sentimento (DUARTE JR., 2001, p. 136).

Assim, e concordando com Duarte Junior (2001), a *experiência estética* acontece por meio da percepção estética, levando em conta a relação do sujeito com o objeto, livre de teorias, levando em conta somente as emoções suscitadas. Das fotografias e dos relatos dos estudantes, nesta categoria destacamos as seguintes imagens:



Figura 4. Lisboa, seu lado escuro, mas que há luz no fim do túnel



Figura 5. Árvores com diferentes cores *versus* a escola

Salientamos da Figura 5 o fundamento que o estudante acompanhou a esta fotografia, assumindo, não apenas a sua percepção estética, mas também a sua identidade profissional associada à experiência estética: o real da árvore com diferentes folhas, de diferentes tons de vermelho, pode ser relacionada com o real papel da escola, suas aprendizagens e obrigatoriedades, quando muitos professores pedem aos seus alunos para pintar a árvore de verde.

Ver, como já argumentamos, é um dos sentidos que muitos têm, mas **ver além do olhar**, ver além do que a íris do olhar revela, é muito complicado como aponta Rubem Alves (2004). Tal como o autor refere, envolve “partejar ‘olhos vagabundos’”. É preciso se despir de todos os significados que o objeto em si representa, dando-lhes novos sentidos e significados.

A este respeito salientamos ainda que, entre todos os trabalhos apresentados, surgiram dois registros interessantes: (i) um estudante fotografou somente árvores e relacionou-as com as emoções que lidamos no dia-a-dia (Fig. 6 e 7) e (ii) outro registrou somente portas e relacionou-as com os obstáculos que encontramos em nossa vida (Fig. 8 e 9).

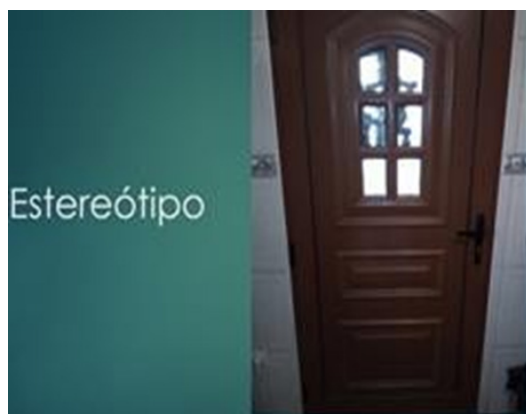


Figura 6. Estereótipos na sociedade

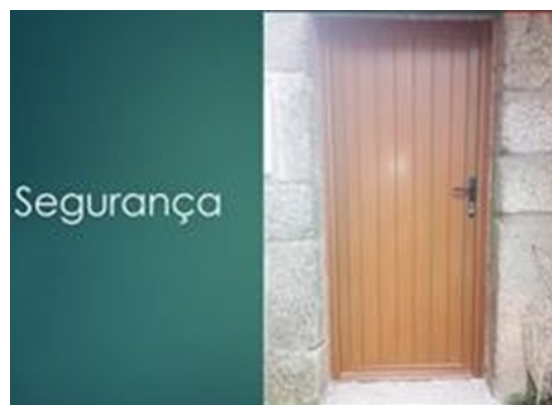


Figura 7. A segurança como pilar da vida

Por vezes, consideramos a existência de estereótipos na sociedade (Fig. 6), mas, tal como as portas, cada um é como cada qual, apresentando virtudes e fragilidades que o caracterizam. Importa que, de entre as suas virtudes, sintamos segurança porque todos nós necessitamos de segurança (Fig. 7), sendo esta característica daqueles são os pilares da nossa vida, nos apoiam e nos protegem.



Figura 8. Quedas de folhas, mudança, desapego



Figura 9. A árvore sem folhas, despido. Sociedade destruidora - Perda de entes queridos

Queremos chamar a atenção para o afeto que as **imagens** retratadas podem representar em **significados e lembranças**. Sabemos que temos pouco controle ao sistema afetivo, visto que o afeto está relacionado a respostas e estímulos emocionais que variam conforma a intensidade. É como se sentíssemos de modo figurado “borboletas no estômago”.

Em determinadas situações os conhecimentos, significados e crenças podem influenciar, estimular o sistema afetivo através de emoções, sentimentos, estados de humor e avaliações. Ao focar algo para registrar, muitos significados e lembranças evocam, a decisão do que é significativo para o indivíduo é baseado nas informações que são processadas pelo mesmo, de acordo com suas memórias. Sendo assim é uma experiência única.

Muitas vezes os elementos fotográficos são ressaltados, em outras apenas o registro é importante. Podemos destacar as seguintes imagens:



Figura 10. Flor e abelha tornam-se protagonistas



Figura 10. Parque infantil: brincar na infância

A Figura 10 lembra uma situação, um episódio, um acaso no “*Jardim perto da minha casa*”. Esta fotografia, captada “com o meu irmão”, mostra a beleza e grandiosidade da natureza. Foi um acaso, um “*registro de um momento que vulgarmente não prestamos muita atenção. A flor e a abelha tornam-se protagonistas num belo exemplo da riqueza de observarmos os pormenores*”. Paralelamente, a imagem do parque infantil lembra e o ato de brincar na infância, representado nas palavras do autor,

*“O Parque infantil junto da minha casa onde brinquei toda a minha infância;
O baloiço que dantes me parecia ficar tão longe do chão, mas que hoje está apenas a uma pequena distância dele.
Tirar esta fotografia, representou reviver emoções que tinha guardadas na minha memória, fez-me perceber e comparar a evolução do meu tamanho em relação às diversões que ocupavam os meus dias.
O tempo passa, as memórias permanecem.
“Em cada pequeno pormenor existe um mundo inteiro de emoções a descobrir...””*

Quando falamos de **educação estética** nos referimos aos estudos de João Francisco Duarte Jr. (2001). O autor argumentou que a educação estética é a educação do sentimento, a educação do sensível, e que a palavra estética está relacionada com a “[...] capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado” (p. 13).

Estas sensações nos levam à *estesia*, que conforme o mesmo autor reflete, se relaciona a “[...] um dedicar-se ao desenvolvimento e refinamento de nossos sentidos, que nos colocam face a face com os estímulos do mundo” (p. 13). Educação estética ou a educação do sensível é, então, “desenvolver e refinar os sentidos” (p. 14).

Sendo assim a educação estética pode ampliar os referenciais e a visão de mundo dos indivíduos. Complementamos assim com Duarte Jr. (2001),

[...]que nos largos domínios da educação estética (ou educação do sensível) achasse compreendida a educação estética, tomando-se aqui o termo “estética” com o sentido restrito que ele acabou adquirindo em nossos dias, ao dizer respeito mais especificamente à arte e à sua apreensão por um espectador, num dado contexto histórico e cultural (p. 184).

Entre as fotografias apresentadas distinguimos as seguintes:



Figura 11. Banco: parar e pensar



Figura 12. Calçada portuguesa, lembra de seu tempo de criança

O Banco (Fig. 11), integrado na natureza, real e cuidada, foi o elemento eleito porque o “*merece, devido à sua vista. Há dias que precisamos de parar e pensar na beleza que nos rodeia para retomarmos à nossa paz interior, compreender o bem de todos os seres vivos*”.

4 | UM NOVO OLHAR ...

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto
(CAEIRO, 1993, p. 24).

As palavras de Alberto Caeiro permitem-nos pensar sobre a importância do olhar que destinamos ao que está ao nosso redor, em todas as direções. Um olhar que se abre para o novo, a cada movimento, rejuvenescendo nossa forma de perceber o mundo. Esse treino do olhar amplia nossa percepção e, por meio dela, descobrimos um universo sempre “amanhecendo”, um mundo com frescor e livre dos hábitos do cotidiano.

O desconstruir conceitos, reorganizando estes, não é nada fácil, ainda mais quando se trata de algo óbvio: VER. Mas, ver além do que a retina nos apresenta,

ver escutando, sentindo, refletindo, expressando é algo que tem que ser aprendido e apreendido.

Esta atividade realizada por estes estudantes permitiu não só o autoconhecimento dos envolvidos, como também permitiu que pudessemos identificar as ideias e um pouco do contexto histórico de cada um diante do novo olhar que criaram ao perceber coisas que no dia-a-dia não notavam ou deixaram de notar. Novamente citamos Duarte Jr. (2001),

O modo prático de ver o mundo orienta-se movido pelas questões “o que posso fazer com isto e que vantagens posso obter disto?”, ao passo que o olhar estético não interroga, mas deixa fluir, deixa ocorrer o encontro entre uma sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade (p. 98).

Considera-se que esta atividade permitiu que os envolvidos pudessem cultivar este olhar estético, se tornando assim cidadãos atentos, críticos, autônomos e criativos localizados num contexto histórico e cultural.

Baseado nas análises das imagens, acredita-se que a fotografia, assim como a obra de arte, tem um significado para quem registra e outro para quem aprecia, pois a experiência é individual, a leitura das imagens pode até ser de senso comum para muitos, ou seja, interligando com fatos, tempos e lugares. Mas, é diante destas lembranças que podemos refletir sob uma perspectiva teórica e estético o OLHAR que vai além da retina humana.

Em suma, esta tarefa promoveu desafios, curiosidades e aprendizagens na arte de ver, i) identificando ideias e “pedaços de vida”, ii) alertando para as relações intra e interpessoais tantas vezes atropelados pelo ritmo de vida ou menosprezados por fatores culturais, e iii) uma visão de mundo mais atenta e significativa enquanto cidadãos atentos, críticos, autônomos e criativos localizados num contexto histórico e cultural. Assim, podemos concluir que numa contemplação direcionada, a relação do sujeito com o objeto passará pela sua percepção comum e poderá levá-lo a uma percepção mais seletiva, a uma percepção estética, tornando possível o refinamento estético e cultural.

5 | AGRADECIMENTOS

Agradece-se a todos/as os/as estudantes a colaboração e autorização pela divulgação das suas fotografias.

REFERÊNCIAS

ADAMS, A. Diário Digital. **Diário Digital [online]**, 15 Fevereiro 2015. Disponível em: <<http://www.diariodigital.com.br/dia-digital/nao-fazemos-uma-foto-apenas-com-uma-camera-ao-ato-de-fotografar-trazem/126463/>>. Acesso em: 02 Julho 2017. Por Luciano Muta.

ALVES, R. Rubem Alves: A complicada arte de ver. **Folha online Sinapse**, 26 out. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>.

ALVES, RUBEM. A arte de Educar. **Trilhando Autonomia**. Disponível em: <<http://www.tautonomia.com/2015/07/arte-de-educar-rubem-alves.html>>.

AS cores das flores. Intérpretes: Diego. [S.l.]: [s.n.]. 2010.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>.

CAEIRO, A. Arquivo Pessoa. **Arquivo Pessoa**, 1993. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/1463>>. Acesso em: 20 dezembro 2016. O Guardador de Rebanhos”. In Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

DICIO. **Docionário Online de Português**, 06 Julho 2017. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ver/>>. Acesso em: 06 Julho 2017.

DUARTE JR., J. F. **O sentido dos sentidos a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar, 2001.

ENTLER, R. A fotografia e as representações do tempo. **Revista Galáxia**, São Paulo, dez 2007. 29-46.

GODOLPHIM, N. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, v. 02, n. 01, p. 161-185, jul./set 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a13.pdf>>. Acesso em: 01 Julho 2017.

NEITZEL, A. D. A.; CARVALHO, C. Estética e arte na formação do professor da educação básica. In: _____ **Mediação Cultural, formação de leitores & educação estética**. Curitiba: CRV, 2016. p. 231-251.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores no campo da saúde pública. **Saúde Pública [online]**, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10>>. Acesso em: 17 maio 2017.

REIS, A. C. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 63, n. 01, 2011. 75-86. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100009>. Acesso em: 06 julho 2017.

RESENDE, A. pensador.com. **Pensador**, 2018. Disponível em: <<https://www.pensador.com/colecao/alessandradesende/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

SALGADO, S. A fotografia mais do que nunca, tem um longo futuro. **Revista Prosa Verso e Arte**, 2017. Disponível em: <<http://www.revistaprosaversoarte.com/a-fotografia-mais-do-que-nunca-tem-um-longo-futuro-sebastiao-salgado/>>.

VEIA, F. N. Fotografia na veia. **As 27 melhores frases de fotografia**, 2017. Disponível em: <<https://fotografianaveia.com/as-27-melhores-frases-de-fotografia/>>. Acesso em: 09 set. 2017.